

A IMPRENSA BRASILEIRA E A GUERRA DO GOLFO (1990-1991).

Sandro Heleno Morais Zarpelão

Bacharel em Direito, Bacharel e Licenciado em História, especialista em História Social pela Universidade Estadual de Londrina, e mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, sandrohmerzapelao@hotmail.com

1 – INTRODUÇÃO e CONTEXTO HISTÓRICO

Dia 17 de janeiro de 1991, já era noite em Bagdá, quando os primeiros mísseis estadunidenses cruzaram os céus da cidade das mil e uma noites. Começava, então, a Guerra do Golfo¹, com o bombardeio maciço dos aviões aliados sobre as principais cidades iraquianas e sobre o Kuwait ocupado pelas tropas do Iraque.

O mundo todo através da CNN (canal exclusivo de notícias dos Estados Unidos), viu em tempo real, instantaneamente, a guerra, as bombas “inteligentes”, os bombardeios cirúrgicos e todo o incrível aparato tecnológico estadunidense e seus aliados. Uma guerra que ficou conhecida muito mais pelas imagens que pareciam ser de computador, do que pelas vítimas, destruição e mortes.

A imprensa, televisiva e também escrita, transformou as armas e a alta tecnologia bélica nos principais protagonistas da guerra, numa incrível inversão de papéis, em que o homem, o horror, a destruição e a ferocidade da guerra foram deixados em segundo plano.

Nesse momento, o mundo estava presenciando o emergir de uma era de incertezas, com a crise da Guerra Fria², do socialismo real³ e da União Soviética, com o advento de inúmeros conflitos étnicos, religiosos e nacionalistas e a formação e expansão de muitos blocos econômicos.

Dos escombros da Antiga Ordem Mundial (Guerra Fria), nascia uma profunda insegurança nas relações internacionais, em que o dançar histórico era muito mais rápido do que as pessoas, nações e intelectuais podiam acompanhar e entender.

Nesse sentido, as relações internacionais foram duramente atingidas por esses ventos mutantes e avassaladores da História, e como já estavam passando por grandes mudanças desde a década de 1970, viram emergir novas situações que a própria Guerra Fria já não conseguia mais explicar por completo, como afirma Francisco Carlos Teixeira:

¹ Guerra do Golfo – Guerra ocorrida em 1991, entre a coalizão de países liderados pelos EUA, contra o Iraque, de Saddam Hussein, pois este ordenou a invasão do vizinho Kuwait, em 1990.

² Guerra Fria – conflito geopolítico, ideológico e econômico que opunha EUA e seu capitalismo contra a URSS e seu socialismo e que nasceu durante o fim da Segunda Guerra Mundial.

³ Socialismo Real – socialismo implantado nos países do Leste Europeu, principalmente, baseado no socialismo científico de Karl Marx e tinha uma forte centralização e planejamento da economia. Ver a obra Era dos Extremos, de Eric Hobsbawm.

“A Guerra do Golfo, entre 1990, quando o Iraque invade e anexa o pequeno e rico Kuwait, e 1991, quando a coligação da ONU liderada pelos Estados Unidos repele a invasão iraquiana, marca o ponto de algidez das mudanças geoestratégicas que vinham se operando desde o final dos anos 70.”⁴

Assim, a Guerra do Golfo, em 1991, foi o conflito que ocorreu dentro de grandes transformações verificadas nas relações internacionais no ano de 1991, no caso a crise do socialismo real, o fim da Guerra Fria e o consenso, nunca antes existido, na atuação da ONU, durante o citado conflito.

Ocorre que a Guerra do Golfo é colocada pela imprensa como sendo uma guerra sem grande importância histórica, apenas conhecida pelas armas inteligentes, bombardeios cirúrgicos alta tecnologia, desconhecendo talvez a sua real dimensão. A própria historiografia também não trata a Guerra do Golfo como um fato histórico de grande relevância no cenário internacional. É bem verdade que não se deve superdimensioná-la, carregando-a de um peso histórico que não possui, mas também não se pode relegá-la ao esquecimento.

Esse texto é oriundo da pesquisa que está sendo elaborada no Curso de Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e por isso, tal tema está tendo continuidade e sendo trabalhado de forma mais aprofundada.

2 – OBJETO E OBJETIVO

Desde a Idade Antiga a região do Oriente Médio ou Oriente Próximo ou ainda Sudoeste Asiático presenciou inúmeras guerras por motivos étnicos, econômicos, geopolíticos, fronteiriços e religiosos numa escalada preocupante que cruzou os séculos e milênios, chegando ao seu auge no tempestuoso século XX.

Neste último, a escalada de violência chegou a proporções jamais vistas, com inúmeros conflitos que sacudiram a região como o eterno Conflito Árabe-Israelense⁵, a Guerra Irã-Iraque (1980-1988)⁶, a Guerra Civil Libanesa (1975-1990)⁷ e, mais recentemente, a Invasão do Iraque (2003) e a Guerra do Golfo (1991).

Concomitantemente ao processo de intensificação dos embates bélicos durante o século XX, também chamado por Eric Hobsbawm de “Era dos Extremos”, em seu livro de mesmo nome, ocorreu uma grande transformação nas relações internacionais, uma fase de transição entre a bipolaridade da Guerra Fria no setor econômico para a construção de uma nova Ordem Mundial:

4 SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O Iraque no Grande Jogo Político Mundial.p. 04.

⁵ Conflito Árabe-Israelense – conflito entre palestinos e israelenses que se originou desde a divisão da Palestina, pela ONU, em 1947, com origens milenares.

⁶ Guerra Irã-Iraque - conflito provocado pela Revolução Islâmica Iraniana, em 1979, pela disputa do estuário de Shat-el-arab e pelas reservas de petróleo existentes no Irã.

⁷ Guerra Civil Libanesa – conflito que opôs cristãos e muçulmanos pelo poder no Líbano.

*“Como iremos compreender o Breve Século XX, ou seja, os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, que, como agora podemos ver retrospectivamente, formam um período histórico coerente já encerrado? Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX. Contudo, não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou. Esta é a informação essencial para os historiadores do século, pois embora eles possam especular sobre o futuro à luz de sua compreensão do passado, seu trabalho não tem nada a ver com palpites em corridas de cavalos”.*⁸

As agências de notícias internacionais que cobriram a guerra, além da própria CNN, são em sua maioria de origem estadunidense e assim, os jornais brasileiros como “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, adquiriram notícias da Guerra do Golfo, principalmente da imprensa estadunidense.

Ocorreu que o governo dos Estados Unidos, na época presidido pelo presidente George Bush, do Partido Republicano, passou e defendeu que a Guerra do Golfo foi um conflito com bombardeios cirúrgicos, feitos com armas inteligentes, em que as mortes seriam em quantidade mínima. Como se sabe, não foi bem assim que aconteceu. Nesse sentido, a pesquisa do mestrado em questão objetiva mostrar como a imprensa escrita brasileira, no caso os jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, seguiram tal discurso, sem discuti-lo.

Não se pode esquecer que a imprensa estadunidense, fonte das informações internacionais para os mencionados jornais brasileiros, seguia a Doutrina Powell do governo dos Estados Unidos. Tal doutrina é baseada na idéia de uma guerra segura, sem mortes, com o uso de armas inteligentes e bombardeios cirúrgicos. Daí nasceu a imagem sobre a Guerra do Golfo de ser uma guerra limpa, quase sem mortes.

O objetivo é mostrar como a imprensa escrita brasileira, através dos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, assimilou a imagem de uma guerra limpa, inteligente e tecnológica, títulos lançados pela imprensa escrita e televisiva estadunidense, sob a luz da Doutrina Powell.

Nesse sentido, a imprensa teve uma grande participação nessa guerra, pois de acordo com José Arbex Júnior, em sua obra “Showrnlismo: a notícia como espetáculo”, a Guerra do Golfo pode ser considerada como um grande divisor de águas, pois a imprensa enfatizou muito mais as armas, o show de imagens, as batalhas noturnas que pareciam de vídeo game, os bombardeios cirúrgicos, as armas inteligentes e a tecnologia do que o horror, o homem, a vida, as vítimas e a destruição. Arbex afirma

“A Guerra do Golfo serviu como um divisor de águas nessa longa história. Pela primeira vez, uma guerra era transmitida ‘ao vivo’, em tempo real, por uma rede de

⁸ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 15.

alcance planetário (a Cable News Network, CNN) (...). E – outro fato inédito – a grande personagem da guerra, ao contrário daquilo que, apenas em certa medida, havia caracterizado a cobertura da Guerra do Vietnã, nos anos 60, não foi o homem, os horrores, ódios e esperanças provocados pela destruição, mas a tecnologia, as armas ‘inteligentes’, as operações ‘cirúrgicas’ (...).”⁹

Vale lembrar que para Arbex, a Guerra do Golfo chegou a ser vista como um “choque civilizatório”. Na verdade, ocorreu uma construção de uma retórica e uma metáfora interpretativa entre os Estados Unidos da América, representante da civilização ocidental – detentor de valores cristãos, democráticos, capitalistas, do livre mercado e pluralista – e o Iraque, representante da civilização muçulmana – portador de intolerância, atraso, avesso à democracia e ao livre mercado.

É claro que não se deve desprezar as diferenças culturais e históricas entre o Ocidente Cristão e o Islã, para se entender a Guerra do Golfo. Nesse sentido, há uma discordância com relação ao jornalista José Arbex Júnior, pois tal conflito não pode ser entendido apenas pelas diferenças culturais. Não é segredo que o Ocidente não se interessa em compreender as estruturas culturais e o pensamento da civilização muçulmana. Nesse sentido, há uma concordância parcial com os argumentos do autor Samuel Huntington¹⁰. Não que o mundo deva ser entendido como um mero choque de linhas culturais civilizatórias. Contudo, as ações dos países dentro do âmbito das relações internacionais devem ser entendidas também pelo viés das questões políticas, geopolíticas, econômicas e das relações internacionais.

Por outro lado, o jornalista José Arbex tem razão quando fala que houve uma construção metafórica, retórica teórica por parte da imprensa ao apresentar o Iraque e o mundo árabe-muçulmano como sendo um conceito ameaçador e ruim ao Ocidente, por parte da imprensa e dos países envolvidos, principalmente pelos governos dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Obviamente, o mundo muçulmano e os islâmicos continuam sendo apresentados pela imprensa como o grande “mal” que deve ser corrigido para a manutenção da paz mundial e da civilização Ocidental. É bem verdade que a mídia estadunidense admitiu algum tempo depois que a cobertura realizada durante a Guerra do Golfo foi tendenciosa em favor dos Estados Unidos. Sem dúvida, tal operação foi construída pela mídia estadunidense juntamente com o Estado estadunidense mais a elaboração de documentários e filmes de imparcialidade e cientificidade bastante duvidosos.

A imprensa escrita, televisiva e de rádio construiu a imagem de que a Guerra do Golfo seria uma luta do “bem” contra o “mal”, isto é, dos Estados Unidos e o Ocidente, contra o Iraque o Islã. Isso foi reproduzido reiteradas vezes pelos noticiários escritos em escala internacional e nacional.

Nesse sentido, pode-se refletir sobre a validade de Armand Mattelart, ao afirmar:

⁹ ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001. pp. 30-31.

¹⁰ Ver a obra: HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

“O Século XIX inventa a news e, com ela, o ideal da informação instantânea. Entre 1830 e 1850 criam-se as grandes agências. A partir de 1875, começam a formar-se os grupos de imprensa. Surgem os primeiros gêneros escritos da produção cultural de massa.”¹¹

O próprio Arbex também fala corrobora esse pensamento ao mostrar como a informação está cada vez mais rápida quando escreve:

“Do início do século XIX até os nossos dias, a história tecnológica da mídia pode ser resumida como a história da fabricação e instalação de meios cada vez mais rápidos de propagar a informação.”¹²

Assim, para atender os seus anseios de lucros e interesses de corporações privadas e até públicas, a imprensa atua como uma empresa que aparentemente é guardiã da verdade e da imparcialidade, como afirma o jornalista Carlos Dorneles

“A imprensa somente revela fatos, não toma partido; não é responsável por acontecimentos, apenas os registra. Esse dogma jornalístico jamais souo tão irreal como depois do 11 de setembro. Muitos episódios, como a própria guerra no Afeganistão, tiveram participação ativa da imprensa. É impossível, hoje, separar o que foi apenas a intenção pura e simples do governo Bush e o que foi facilitado, possibilitado pela influência da mídia.(...)O trabalho da mídia só reforçou a sua capacidade de ditar rumos. Por cumplicidade ou por omissão, mas sem inocência.”¹³

Seguindo essa linha de raciocínio, a Guerra do Golfo foi um marco importante na cobertura da imprensa e o seu tratamento para com as notícias. A cobertura ao vivo transformou veículos como a CNN, fazendo-a uma grande potência nos meios de comunicação jornalísticos, um referencial para o jornalismo 24 (vinte e quatro) horas e para a cobertura de guerras.

A obra de Arbex vai de encontro com essa linha de pensamento, pois esteve no aludido conflito, a serviço do jornal “Folha de São Paulo”, no qual trabalhou, no período de 1990-1991.

Por outro lado, também serão tratadas obras como “Saddam Hussein e a crise do golfo”, de Judith Miller e Laurie Mylroie, “Iraque: a Guerra Permanente” e “Iraque: Plano de Guerra”. Outrossim, será utilizado o texto “O Iraque no Grande Jogo Político Mundial”, do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, para se mostrar como ocorreu o desenrolar da Guerra do Golfo (1991).

¹¹ MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. PELEGRIN, Laureano (trad.). Bauru: EDUSC, 2000. p. 47.

¹² ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001. p.59.

¹³ DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2003. pp.270-271.

Seguindo essa linha de raciocínio, o presente texto, é um fragmento da dissertação de mestrado que está sendo elaborada, no Curso de Mestrado em História, da UEM, cujo tema é “Golfo em chamas: a visão da imprensa escrita brasileira sobre a Guerra do Golfo (1990-1991)”, foi escolhido, pois representa um marco importante na transição das relações internacionais.

Com base na bibliografia sobre o tema mencionado, percebe-se que o conflito pode ser encarado como algo sintomático de mudanças na transição da Guerra Fria para a Nova Ordem Mundial.

Vale ressaltar, que tal período foi escolhido, porque o ano de 1990 marca a invasão do Kuwait pelo Iraque, o ano de 1991 a guerra propriamente dita, a expulsão e, conseqüente, derrota das forças iraquianas em território kuwaitiano.

3 – METODOLOGIA

O presente texto é resultado do projeto de mestrado acerca do tema “Golfo em chamas: a visão da imprensa escrita brasileira sobre a Guerra do Golfo (1990-1991)”. Será feita uma análise de fontes primárias, no caso os jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”.

Vale ressaltar, que as fontes utilizadas como instrumentos de pesquisa são os jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, contrapondo-os com referenciais bibliográficos, já mencionados anteriormente sobre a Guerra do Golfo. Buscará mostrar através de contradições presentes nos próprios textos, artigos e reportagens dos jornais na imprensa escrita brasileira, a respeito da Guerra do Golfo ter sido uma guerra limpa.

Como explicar a Guerra do Golfo como uma guerra limpa, se no próprio jornal há reportagens sobre destruição e mortes? Há uma aparente contradição em que a pesquisa buscará explorar através de contraposições, auxiliadas pelas referências bibliográficas sobre a Guerra do Golfo, História Contemporânea, História do Tempo Presente, Teoria das Relações Internacionais e Jornalismo.

4 – RESULTADOS

Por ser uma pesquisa em estágio inicial, ainda não se teve resultados conclusivos. Contudo, percebe-se inicialmente que tudo leva a crer que jornais como “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, absorveram o discurso da imprensa estadunidense que por sua vez, assimilaram a idéia da Doutrina Powell, do governo Bush, de guerra limpa, justa, tecnológica e inteligente consubstanciada na frase proferida pelo comandante das forças militares dos Estados Unidos, Colin Powell: “Nós atiramos e eles morrem”.

Assim, com o futuro desenrolar da pesquisa, buscar-se-á mostrar como as citadas contradições e mostrar como a imprensa escrita, no caso os jornais, foram importantes na estratégia de apoio e de convencimento pelo governo dos Estados Unidos na Guerra do Golfo, de 1991.

5 – BIBLIOGRAFIA

- ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- DORNELES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*. São Paulo: Globo, 2003.
- MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. PELEGRIN, Laureano (trad.). Bauru: EDUSC, 2000.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Tempos Interessantes: Uma vida no século XX*. DUARTE, S. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LEGOFF, Jacques. *A História nova*. BRANDÃO, Eduardo (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império Perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. MAGALHÃES, Ane Lize Spaltemberg S. (trad.). Brasília: Editora UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *O Iraque no Grande Jogo Político Mundial*.
- MILLER, Judith; MYLROIE, Laurie. *Sadam Hussein e a crise do golfo*. MALUF, Vera. (trad.). São Paulo: Scritta, 1990.
- DENAUD, Patrick. *Iraque, a guerra permanente: entrevistas com Tarek Azis. A posição do regime iraquiano*. MENENDEZ, Maria Inês (trad.). Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. COHEN, Ilka Stern. Bauru-SP: EDUSC, 1999.
- CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. RIBEIRO, Vera (trad.). Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.